

Sessão Coordenada 60 - **INVESTIGAÇÃO DO COPING EM CONTEXTO DE HOSPITALIZAÇÃO**

COPING MATERNO E DIAGNÓSTICO DE ANOMALIA CONGÊNITA DO RECÉM-NASCIDO. Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente** (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Pesquisa em Psicologia Pediátrica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.), Kely Maria Pereira de Paula (Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.), Sarah de Almeida Muniz* (Graduanda de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.), Camila Nasser Mancini* (Graduanda de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.)

O diagnóstico de Anomalia Congênita (AC) gera grande impacto em toda família, já que desde o período gestacional as expectativas são altas em relação ao novo membro. Assim, o diagnóstico se configura em uma situação de adversidade, podendo levar a maior estresse parental. Para tanto, o coping são as ações ou estratégias que o indivíduo emprega para lidar com essas situações que ameaçam, desafiam ou excedem sua capacidade psicológica e/ou biológica. Este estudo buscou identificar, a partir dos relatos maternos, a maneira como o diagnóstico de AC dos filhos foi recebido, bem como o coping adotado mediante a notícia e hospitalização do bebê. Participaram 25 mães de bebês com AC, internados em três Unidades de Terapia Intensiva Neonatal, na Grande Vitória, ES. Primeiramente as participantes responderam ao Questionário Momento da Notícia (Ex.: O que você sabe sobre a situação do seu filho? O que você achou da forma como lhe foi dada a notícia?). Posteriormente, foi aplicada a Entrevista de Coping, (Ex.: O que você tem feito para lidar com os sentimentos decorrentes da situação do seu bebê?). Os resultados mostraram que em 56% dos casos o diagnóstico foi fornecido pelo obstetra e em 36% pelo pediatra. Para 40%, as informações fornecidas eram corretas, mas insuficientes. Parte da amostra (64%) avaliou positivamente a forma como o médico comunicou o diagnóstico, porém, 76% das respostas estavam associadas a sentimentos negativos no momento da notícia. As mães ressaltaram a necessidade de obter mais explicações, além de evidenciar a tranquilidade do médico durante a comunicação. As mães relataram, nesse período, o uso de estratégias adaptativas positivas como Autoconfiança, pois se sentiam preparadas/capacitadas para cuidar do filho. Outra estratégia adaptativa muito utilizada foi Busca de Suporte com o apoio recebido pelos familiares, sobretudo pelo companheiro, e o suporte religioso, mesmo entre aquelas que declaravam não ter religião. Em conjunto com o uso de estratégias positivas também foram utilizadas algumas negativas, como Delegação e Desamparo, o que indica que fatores como mudança de papéis, novas responsabilidades (com tratamento médico de longo prazo, por exemplo) e necessidade de mais recursos financeiros (em função de novos tratamentos) poderão afetar negativamente a dinâmica familiar. O estudo destacou as demandas emocionais e de informação que deverão ser consideradas pela equipe de saúde durante o processo de comunicação do diagnóstico de AC, o que poderá favorecer o vínculo da diáde durante o período de hospitalização. Sugere-se a adoção de intervenções dirigidas a essa população a fim de reduzir o impacto emocional negativo gerado pela condição do bebê. Além disso, o estudo do coping é de grande importância no que tange ao desenvolvimento infantil; o uso de estratégias adaptativas positivas se constitui em fator de proteção do desenvolvimento infantil, ou seja, a forma como os pais vivenciam situações de adversidade poderá influenciar nos recursos que os filhos irão adotar para lidar com tais eventos.



1) Diagnóstico; 2) Anomalia Congênita; 3) Coping materno
CAPES (Bolsa de Mestrado); FAPES (Bolsa de Iniciação Científica)
Mestrado - M
SAÚDE - Psicologia da Saúde

ANÁLISE DO COPING MATERNO SOBRE O MOMENTO DA INTERNAÇÃO DO BEBÊ PREMATURO OU COM BAIXO PESO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL ATÉ APÓS A ALTA HOSPITALAR.

*Fabiana Pinheiro Ramos (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES; Universidade Vila Velha, Vila Velha/ES), Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES; Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SP), Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES), Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente ** (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)*

Ter um bebê prematuro e/ou com baixo peso (PT-BP) internado em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) pode ser considerado, de acordo com a literatura da área, um evento estressante, sendo importante investigar o enfrentamento materno nessa situação. O enfrentamento pode ser definido, de acordo com a Teoria Motivacional do Coping, como o processo de autorregulação em condições de estresse psicológico, com o objetivo de manter, restaurar ou reparar necessidades psicológicas básicas de relacionamento, competência e autonomia. Os estressores podem ser percebidos como ameaça ou desafio e seu enfrentamento é analisado em 12 categorias de coping, sendo 6 delas com provável desfecho adaptativo positivo (autoconfiança, busca de suporte, resolução de problemas, busca de informações, acomodação e negociação); e 6 com provável desfecho adaptativo negativo (delegação, isolamento, desamparo, fuga, submissão e oposição). Aplicou-se esta abordagem na análise do coping da hospitalização de 25 mães de bebês PT-BP internados em UTIN de uma maternidade pública da Grande Vitória/ES. As participantes foram abordadas no próprio hospital (amostra de conveniência) e, após a explicação dos procedimentos da pesquisa, deram seu consentimento por escrito. Foram coletadas variáveis neonatais do bebê e as mães preencheram, inicialmente: (a) Protocolo de Registro de Dados Gerais; (b) Critério de Classificação Econômica Brasil; (c) Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP); e (d) Questionário Momento da Notícia, sobre como enfrentaram a situação da internação do bebê no momento da notícia. Depois de participarem de um grupo de apoio, de cunho educativo, realizado no próprio hospital e especificamente voltado para mães de bebês PT-BP, o grupo realizou entrevista individual sobre o enfrentamento da internação do filho. No seguimento, após a alta hospitalar (1 mês e meio, em média), as mães foram entrevistadas e preencheram novamente a EMEP. A análise do processo de enfrentamento mostrou que o momento da notícia da hospitalização e a primeira visita à UTIN causaram grande impacto emocional, com reações de tristeza, preocupação, medo e surpresa. As estratégias de enfrentamento mais utilizadas durante a hospitalização pertenciam às famílias de coping autoconfiança, negociação, acomodação (mediadas principalmente por crenças religiosas) e busca de suporte (sobretudo do marido/companheiro), percebendo-se a situação como desafiadora e fonte de amadurecimento pessoal; mas ocorreram também estratégias menos adaptativas como a delegação. Houve correlações significativas entre: (a) nível socioeconômico mais alto e uso de estratégias relacionadas à necessidade de relacionamento; (b) mães multíparas e desamparo, fuga e oposição e estratégias de enfrentamento agrupadas como percepção de ameaça; (c) mães que não trabalhavam fora de casa e autoconfiança; e (d) maior número de dias de internação do bebê e menor delegação. Após a alta hospitalar, a maioria relatou não ter dificuldades com os bebês, apresentando maiores médias nas estratégias de negociação, autoconfiança, acomodação e busca de suporte, além de redução significativa de delegação. Duas mães enfrentaram a morte do bebê: uma com autoconfiança e resolução de problemas, e outra com negociação e autoconfiança; ambas



apoiando-se na religião. Conclui-se que, apesar do impacto da situação, as mães conseguiram, em sua maioria, enfrentar a situação de forma positivamente adaptativa.

1) Coping; 2) UTIN; 3) Prematuridade.

CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa; bolsa de Doutorado para a primeira autora); CAPES/MEC (bolsa de Mestrado para a quarta autora) e CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a segunda autora).

Doutorado - D

SAÚDE - Psicologia da Saúde

ESTUDO SOBRE COPING EM MÃES DE BEBÊS COM CARDIOPATIA CONGÊNITA: UM ESTUDO DESCRITIVO. *Lívia Caroline Souza Gonçalves** (Universidade Vila Velha – UVV, Vila Velha, ES), Luciana Bicalho Reis** (Universidade Vila Velha – UVV, Vila Velha, ES), Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente** (Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, ES)*

A presença de cardiopatia congênita pode desencadear no bebê alterações de ordem cognitiva, física ou social, e dependendo da gravidade da cardiopatia poderá repercutir em risco de vida se não tratada a tempo. Quando possível, é recomendável a correção cirúrgica da cardiopatia nas fases iniciais após o diagnóstico, o que acarreta maior tempo de internação da criança em tratamento. Os fatores citados constituem-se como fonte de estresse para as mães pelo impacto emocional que produz, mediante as expectativas criadas durante o período gestacional. O nascimento e a internação imediata, bem como, o tratamento de longo prazo exigem das mães adoção de estratégias de enfrentamento. A utilização deste recurso, em geral, facilita a adaptação materna diante da situação de adversidade, produzindo resultados positivos mesmo que de forma imediata, o resultado de longo prazo poderá ser positivo ou negativo, a depender do tipo de estratégia utilizada. Esse estudo teve como objetivo conhecer as principais estratégias de enfrentamento (coping) utilizadas por mães de bebês com cardiopatia congênita mediante ao diagnóstico, tratamento e cirurgia do filho. Para tanto, foi realizada pesquisa qualitativa de caráter descritivo com mães de crianças cardiopatas entre zero e dois anos de idade que estavam em atendimento pré ou pós-cirúrgico em um hospital público de Vila Velha - ES. Oito mães foram entrevistadas através de roteiro de entrevista baseado na Teoria Motivacional do Coping. Através dos dados coletados, percebeu-se que as mães tomam a frente do processo de internação de seus filhos, doando-se integralmente para a sua recuperação, afastando-se de seus deveres domésticos e sociais. Os resultados obtidos em relação ao coping apontaram que as principais estratégias adotadas pelas mães são: (1) Busca de Informação, que envolve a tentativa de compreensão da doença com médicos e familiares ou ainda através de livros e internet, (2) Busca de Suporte, valorizando o apoio principalmente da família, mas também com o estabelecimento de novos vínculos, (3) Acomodação, buscando a realização de distrações a fim de minimizar o sofrimento diante da doença (4) Busca de Prática Religiosa, baseada na fé e crenças pessoais. Após a análise e interpretação dos dados coletados na investigação, pode-se comprovar a hipótese inicial, visto que as mães avaliadas vivenciam situações estressoras em decorrência do diagnóstico de cardiopatia congênita de seus filhos, gerando assim, a necessidade de utilização de estratégias de enfrentamento consideradas mais positivas que negativas em longo prazo, de acordo com o embasamento teórico utilizado. Essas mães mostraram ainda estado de vulnerabilidade emocional, o que indica a importância do papel da equipe de saúde como uma facilitadora de todo o processo, podendo esta agir de forma mais humanizada. Assim, o conhecimento das estratégias de enfrentamento nesta amostra pode favorecer o desenvolvimento de programas de intervenção psicossocial que facilitem ainda mais a utilização de estratégias de adaptativas positivas.

1) Coping; 2) Cardiopatia congênita; 3) Estresse.

Sem apoio financeiro

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

SAÚDE - Psicologia da Saúde

O ENFRENTAMENTO DO CÂNCER INFANTIL: UMA ANÁLISE LONGITUDINAL.

*Fernanda Rosalem Caprini** (Programa de pós graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES), Alessandra Brunoro Motta Loss (Programa de pós graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES), Thaís Fernandes Genelhu* (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)*

O câncer pediátrico representa um contexto aversivo tanto para os pacientes, como para familiares e profissionais da área da saúde. Como as consequências de tal agravo podem se estender para além do aspecto biológico, os estudos também passaram a focalizar comportamentos e reações psicológicas de pacientes, familiares e membros da equipe de saúde frente ao diagnóstico, tratamento e sobrevivência. Desse modo, a verificação de recursos pessoais, familiares e ambientais pode contribuir para a compreensão do processo de enfrentamento nos diferentes momentos da doença. Com o objetivo de analisar as mudanças no processo de enfrentamento da hospitalização de crianças com câncer em dois momentos: Tempo do diagnóstico (Tempo 1) e Tempo do tratamento (Tempo 2), cerca de dois meses após o diagnóstico, a presente pesquisa teve como participantes 12 crianças, de ambos os sexos, com idade entre 6 e 12 anos (Média = 8,7 anos), em tratamento contra o câncer em um hospital de referência na Grande Vitória, ES, e seus responsáveis. Após o consentimento para participação na pesquisa, os participantes foram avaliados no momento do diagnóstico, quanto aos (a) estressores identificados no contexto da hospitalização, bem como o (b) enfrentamento da hospitalização (Instrumento de Avaliação das estratégias de Enfrentamento da Hospitalização /AEH). Após dois meses de tratamento, os participantes responderam novamente ao instrumento AEH a fim de verificar mudanças no processo de enfrentamento da criança. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo e análise estatística descritiva, com cálculo de frequência, proporção e comparação de tempos (T1 e T2). Para a verificação de mudanças significativas entre T1 e T2, utilizou-se estatística inferencial. Não foram encontradas diferenças significativas entre T1 e T2 para as variáveis investigadas. Isso indica que os estressores da hospitalização se mantiveram ao longo do período avaliado. Como maiores estressores, as crianças identificaram que os procedimentos médicos invasivos (PMI) foram os estressores mais adversos para ambos os tempos. Além desse, a mudança corporal, a medicação oral e a permanência no hospital também foram citadas. Para lidar com tal contexto de hospitalização, as crianças apresentaram estratégias adaptativas, características da família de enfrentamento “acomodação”, porém houve situações em que o estressor foi percebido como uma ameaça, e estratégias menos adaptativas, da família de enfrentamento “submissão”, foram observadas (T1 e T2). Os achados dessa pesquisa indicam contribuições para a área do coping de crianças em contextos médicos e apresenta possíveis focos de intervenção psicológica tanto à criança como à sua família.

1)Coping; 2) Câncer infantil; 3) Hospitalização infantil

CAPES (Bolsa de Mestrado) e FACITEC (Bolsa de Iniciação Científica)

Mestrado - M

SAÚDE - Psicologia da Saúde